

Memória discursiva em redes sociais: o caso de “bandido bom é bandido morto”

Lafayette Batista Melo¹

Resumo: Este trabalho trata do funcionamento da memória discursiva, segundo Pêcheux e Courtine, para analisar como circula a frase “bandido bom é bandido morto” e como o enunciado é repetido, lembrado, reformulado e associado a outros enunciados, conforme a formação discursiva e por meio da interface computacional do Facebook. O trabalho adota o conceito de percurso, que leva em conta materiais textuais com várias retomadas e transformações e pode ser organizado com ajuda de ferramentas computacionais. Algumas conclusões: os enunciados em rede circulam de forma monitorada, o que intensifica sua propagação; os textos são destacáveis de acordo com sua articulação com a memória discursiva e as ferramentas computacionais facilitam a constituição do *corpus*, mas apenas quando bem adaptadas aos objetivos da pesquisa.

Palavras-chave: Memória discursiva; Facebook; frase.

Abstract: This work deals with the functioning of discursive memory, according to Pêcheux and Courtine, to analyze how circulates the phrase “bandido bom é bandido morto” and how the utterance is repeated, remembered, reworked and associated with other statements, in a discursive formation and through the computer interface of Facebook. The paper adopts the concept of route, that takes into account textual materials with various resumptions and transformations, and can be organized with the help of computational tools. Some conclusions: the statements in the network circulate in a monitored form, which intensifies its spread; texts are detachable according to its articulation with the discursive memory and computational tools facilitate the formation of the *corpus*, but just when well suited to the research objectives.

Keywords: Discursive memory; Facebook; phrase.

Considerações iniciais

Os vários enunciados que circulam na internet, a grande maioria em frases curtas, são associados a muitos tipos de eventos: jogos de futebol, tragédias, índices socioeconômicos, notícias sobre pessoas famosas etc. Com a popularização das redes sociais, enunciados antes veiculados nos jornais, na televisão e em rodas de amigos, encontram agora mais um espaço

¹ Doutor em Psicologia Cognitiva com estágio de pós-doutorado no Instituto de Estudos da Linguagem (IEL) da UNICAMP. Pesquisa Discurso em Redes Sociais e é professor do curso de Tecnologia em Sistemas para Internet do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba (IFPB).

de circulação. É notório que esses enunciados podem remeter a um fato atual, mas também fazer referência a fatos passados. Pode-se, então, entender que há uma memória que associa fatos, mas também recupera modos de enunciar, como curtir, compartilhar, “linkar” e comentar, próprios da interface das redes sociais.

Dentre os vários enunciados, um que tem reaparecido bastante é “bandido bom é bandido morto”, devido a atos de violência contra supostos bandidos. O modo de enunciar, nesse caso, está ligado em geral a posições que defendem os atos violentos. A própria defesa ou recriminação da expressão surge como um novo acontecimento, o que dá outra dimensão aos embates. Um exemplo disso está em Garcia (2014), que diz que pessoas que enunciam a expressão têm um mesmo perfil e certa “pose”. O autor também diz que muitas pessoas estão enfileiradas como se estivessem em uma plateia, prontas para reproduzir suas simplificações e palavras corajosas no Facebook.

Analisando adiante não o perfil das pessoas que usam a expressão, mas como está funcionando e circulando o enunciado “bandido bom é bandido morto” nas redes sociais em virtude de vários fatos ocorridos em 2013. Esses fatos surgiram em função do modo como a polícia e cidadãos comuns abordaram nas ruas os supostos criminosos, ferindo-os ou matando-os. Para fundamentar a análise, trato do que é a memória discursiva e de suas relações com as formações discursivas, além do conceito de percurso para investigar o funcionamento de determinadas frases. Como procuro ver tal funcionamento na internet e em redes sociais, discuto a maneira como coletei os dados, aproveitando recursos da internet e definindo algumas estratégias de busca. Em seguida, empreendo a análise propriamente dita, identificando os discursos que circulam em torno do enunciado, mencionando a frase ou textos associados, bem como os que lhe fazem alguma oposição e o modo como são enunciados. Nas considerações finais, faço algumas observações sobre o momento histórico de circulação desses discursos nas redes sociais e até que ponto a interface os influencia.

Memória discursiva e formações discursivas mobilizadas através da internet

Partindo das ideias de Pêcheux – conforme Brandão (2012), Maingueneau (2008) e Pêcheux (2012) – investigo o processo discursivo como um sistema de substituição, paráfrases e sinonímias que funcionam entre elementos linguísticos, devendo-se salientar a ideologia, a historicidade e o inconsciente em uma base comum que é a língua. Nesse processo discursivo, Pêcheux (1999) diz que “a memória discursiva deve ser compreendida não em um sentido psicológico de memória individual, mas nos sentidos entrecruzados da

memória mítica, social e inscrita em práticas”. Para o autor, a memória discursiva seria aquilo que, face a um texto, surge como acontecimento a ler, vem restabelecer “implícitos”, na verdade os pré-construídos, elementos citados e relatados, discursos-transversos dos quais a leitura necessita. A memória discursiva recorre, então, a esses elementos, que são produzidos antes, em outro lugar, mas que são necessários para a produção de sentido, embora não conscientemente. Assim, enunciar implica, simultaneamente, repetir, lembrar e esquecer, conforme o discurso ao qual o sujeito está vinculado. Pode-se dizer que são lembrados, mas também silenciados discursos outros.

São as formações discursivas que, em uma formação ideológica, determinam o que pode e deve ser dito. Enunciados existem no tempo longo de uma memória discursiva e são as relações intradiscursivas (na sequência léxico-sintática), de forma dissimulada, que mostram formações discursivas oponentes, conforme aprofunda Courtine (2009). Podemos ainda concordar que o pré-construído faz referência a traços de memória de uma mesma formação discursiva, seguindo o que diz Possenti (2009).

Assim, compreender a sequência “bandido bom é bandido morto” implica associar suas reformulações e a quais formações é relacionada. Porém, como queremos vê-la segundo seu funcionamento na internet e, mais especificamente, em redes sociais, é importante entender seus modos de circulação e como estão materialmente marcados. Desse modo, como esta pesquisa tem como preocupação principal compreender a circulação de eventuais discursos ligados às redes sociais, tentar-se-á estabelecer relações com a tecnologia e o que pode, deve ser dito e circula nas redes. Consequentemente, a análise linguístico-discursiva da sequência sempre terá por referência uma relação interdiscursiva, obviamente estabelecida por traços sócio-históricos que remetem a uma memória discursiva construída dentro ou fora das relações intermediadas pelo uso da internet.

É relevante observar que a interface computacional parece desempenhar um papel importante no processo discursivo, conforme propus em artigo anterior (Melo, 2011), pois há nela uma materialidade programável estabelecida, diferentemente da fala ou do discurso impresso. Em outras palavras, funcionalidades respondem às ações dos usuários, o que implica novos modos de circular o texto e o discurso. Não é apenas velocidade e grande quantidade de informação o que caracteriza a internet, mas o seu modo de intermediar a comunicação humano-computador, que, nas redes sociais, pode ainda ser mais bem caracterizado como interação humano-computador-humano.

Convém ressaltar o que é definido por Courtine (2009): os efeitos de memória em uma conjuntura histórica devem ser articulados em dois níveis de uma formação discursiva – os enunciados e as formulações. Para isso, ao partir do enunciado “bandido bom é bandido morto”, também procurarei identificar as suas transformações, retomadas e aproximações.

Um “percurso” de investigação

É fundamental citar, neste momento, o que é proposto por Maingueneau (2008) em relação às unidades de análise do discurso. O autor não nega as formações discursivas nem as sequências textuais com suas paráfrases e sinonímias, mas propõe também o *percurso* como uma unidade de análise do discurso, de diversas ordens (lexicais, proposicionais, fragmentos de texto etc.). Os percursos são fundados em materiais textuais e lexicais com várias retomadas e transformações. Perguntar até onde vai, quais são suas possíveis novas modalidades associadas e como circula a expressão “bandido bom é bandido morto” em redes sociais, bem como a quais discursos pode estar vinculada, suscita tratar o material desta pesquisa como um percurso.

Este trabalho tende, portanto, a definir um espaço discursivo no qual se encontrem os que são contra e os que são a favor da expressão “bandido bom é bandido morto”, verificando oposições e embates. Em outras palavras, investiga-se em que medida os discursos oponentes a propósito da expressão circulam como percurso e qual é o efeito das condições de produção na memória discursiva. Como o próprio Maingueneau (2008) ressalta, definir a unidade em termos de percurso pode tornar mais fácil a pesquisa pelo fato de haver muitas ferramentas computacionais que permitem tratar *corpora* vastos, mas há de se ter o cuidado para não tirar conclusões circulares na pesquisa, as quais já seriam determinadas pelo que é proposto no seu início. Como aqui o que se procura é definir o modo de funcionamento e circulação de uma expressão e como ela se transforma na memória discursiva, não há como a proposta inicial se transformar em uma conclusão. Porém, o tratamento dos dados e suas estratégias de busca precisam ser bem delineados e isso será feito na próxima seção.

Ferramentas e estratégias para busca de dados

O enunciado “bandido bom é bandido morto”, suas formulações e outros enunciados associados foram obtidos em postagens e comentários no Youtube, em sites de notícia, em blogs e no Facebook. É importante salientar que as postagens e comentários podem ser

integrados às redes sociais. Portanto, muitos dos textos estavam tanto no Youtube e nos sites de notícia quanto no Facebook.

A pesquisa rastreou eventos do início do ano de 2013 até dezembro deste mesmo ano. As técnicas utilizadas para obtenção dos dados envolveram a utilização do Google para pesquisas mais elaboradas, de modo que o analista tivesse em mãos não simplesmente resultados que a ferramenta fornece, mas dados que realmente atendessem as necessidades do pesquisador. Como, obviamente, o programa não conhece as necessidades humanas, é fundamental que o pesquisador conheça recursos e funcionalidades que melhor o atendam e, para isso, é preciso que sejam estudadas as possibilidades das ferramentas. Algumas orientações sobre essas possibilidades estão em Melo (2010) e Russel (2014), se bem que adaptadas e delimitadas para os objetivos desta pesquisa, visto que o primeiro trabalho é específico para redes sociais em educação e, o segundo, trata de todas as estratégias e funcionalidades de busca do Google de forma irrestrita. Em um primeiro momento, identifiquei textos associados à expressão “bandido bom é bandido morto”, em um tom favorável, principalmente no Youtube e em sites de notícia. Posteriormente, observei a elaboração de artigos e construção de vídeos e imagens que pareciam contrapor-se a esse discurso, principalmente nos últimos meses do ano.

Assim, para identificar o uso do enunciado em comentários de vídeos nos quais há reportagens ou filmagens espontâneas de situações de criminalidade na rua, configurei a pesquisa no Google para início em janeiro de 2013, de vídeos e com alguns dos termos substituídos por “*”. Por exemplo, “bandido bom é *”, “* bom é bandido morto” etc., o que possibilita verificar possíveis enunciados também derivados de “bandido bom é bandido morto”.

No segundo momento, no qual indaguei sobre se haveria uma oposição ao discurso em questão, defini blogs e sites de notícia, especialmente verificando os comentários dos usuários, escrevendo na caixa de texto do Google (em um exemplo de busca na seção de notícias do UOL), por exemplo: “bandido bom é bandido *” site: <http://noticias.uol.com.br>. Neste segundo momento, o discurso não estava representado apenas por frases isoladas ou associadas e de tom favorável, mas sobretudo por textos de blogs e materiais de multimídia, alguns dos quais faço referência adiante.

No Facebook, utilizei principalmente a busca da *hashtag* #bandidobomébandidomorto, o que possibilitou descobrir outras expressões associadas nas mesmas postagens e links que faziam referência em grande parte aos próprios vídeos e sites de notícia descobertos com a

pesquisa através do Google. Dessa forma, houve uma maior triangulação dos dados, assegurando uma aproximação maior aos discursos efetivamente produzidos nas redes, independentemente do perfil ou dos dados à disposição na *timeline* do analista. Outras técnicas foram utilizadas, mas não serão objeto de maiores detalhes neste artigo.

Enfim, é importante constatar que os sites de notícia investigados e o Youtube têm suas peculiaridades. Os sites estão sob o domínio de órgãos de imprensa, mas, no Youtube, pode haver também gravações que os próprios usuários enviaram ou edições de reportagens da TV. Vale salientar que há links no Facebook a todos os sites, blogs e vídeos do Youtube adiante descritos, o que proporciona maior circulação com demonstrações de aprovação e aderência através de textos e por intermédio de curtidas e compartilhamentos. Assim, verifica-se também como cada discurso circula nas redes sociais e o que afeta seus modos de produção.

Resultados e análises: caminhando pelo “percurso”

A tabela abaixo contém o nome do vídeo ou da notícia, seu endereço e alguns exemplos de enunciados associados com efeito de sentido semelhante.

Título do vídeo ou da notícia	Endereço	Textos remetendo a “bandido bom é bandido morto”
Bandido é baleado ao tentar assaltar Hornet branca!	http://www.youtube.com/watch?v=1XzqcwUagG4	“bandido tem q toma tiro de 12 na nuca”, “é uma pequena que não pegou na cabeça”, “vá roba agora com o capeta”
Ladrão morre após tentativa de assalto	http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/video/2013/10/19/14720596/1adrao-morre-apos-tentativa-de-assalto.html	“se todo policial agir assim, logo acabaremos com todos os assaltos”, “Não tem que dar voz de prisão, eles já sabem que quando saem para roubar e automático a voz de prisão, tem que chegar chegando, mais medalhas para estes policiais e cobrar as bala dos parentes dos malacos”
Polícia abre fogo contra ladrões em pizzaria	http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/video/2013/10/21/14722772/policia-abre-fogo-contra-ladros-em-pizzaria.html	“parabéns para esse policial que tirou esses dois marginais das ruas, bandido bom é bandido morto”, “Merecem condecoração estes policiais 1 VAGABUNDO FORA e outro baleado e fora pelo menos por algum tempo até que um juizinho idiota o solte”
Bandido é baleado durante assalto por PM à paisana	http://www.youtube.com/watch?v=PnbyzoXHloU	“Que tombo mais lindo....menos um lixo...”, “Cada PM q matar um ladrão merece uma estrela!”
Tenente da PM reage e atira em assaltante	http://noticias.band.uol.com.br/brasilurgente/video/2013/10/25/14728404/tenente-da-pm-reage-e-atira-em-assaltante.html	“como foi uma tenente da polícia militar vai aparecer o direito humano pra defender o bandido e a família do bandido”, “Vc não está é aguentando ver o sucesso de uma mulher linda, toda chic, num puta carrão, policial, armada, preparada e ainda matar um HOMEM”
Bandido é baleado por policial após série de assaltos	http://www.youtube.com/watch?v=A0jSziH-pKg	“Não precisa se apressar SAMU”, “O SAMU é para ser usado para o trabalhador! VAGABUNDO É PARA SE FUDER! MORRA DESGRAÇADO!”, “SOCORRIDO COM URGENCIA ?! O GAMBÉ TINHA QUE TER MATADO LOGO ESSE LIXO MARGINAL !!!”

		“Se fosse um policial caído, ninguémalaria nada, mas como é um bandido, a lei arruma um jeito de protege-lo”
Bandido é morto por PM - Ao vivo.	http://www.youtube.com/watch?v=pvsFXHzPwm0	“Nossa , parabéns pra esse POLICIAL .. Ai o povo fala: Por que ele continuou atirando depois que o cara tava no chão? Resposta: O Policial tava atirando pra evitar que o bandido pega-se a arma e revidasse, antes 1 BANDIDO MORTO do que 1 POLICIAL E 1 CIVIL. Ótimo Trabalho, Meus parabéns.” “Policial bom!!!e bandido morto”, “Não tem coisa melhor do que ver bandido sendo morto!!!!”
Bandido bom é bandido morto	http://www.youtube.com/watch?v=T2IVm7ABTT4	“Esse foi o melhor vídeo que vi na net. Vai pro inferno bandido!!!”, “Linda cena, um lixo a menos na sociedade.”, “Ainda bem que deu certo vítima viva e bandido morto é assim que tem que ser.”
((EXCLUSIVO)) Troca de em Salvador.Bandido Morto !	http://www.youtube.com/watch?v=wifa4UhR9Ek	“LIXO MARGINAL MORTO É SEMPRE UMA CENA LINDA :D !!!”, “Ainda deveriam mandar a família dessa escoria limpar o asfalto sujo de merda desse cara ai, e também mandar a conta das balas gastas nesse verme.”
Ladrões tentam roubar moto de policial e são mortos BANDIDO BOM...	http://www.youtube.com/watch?v=ebva7uOeF5M	“2 LIXOS MARGINAIS MORTOS É UMA CENA LINDA :D !!!”

Tabela 1 – textos que remetem a “bandido bom é bandido morto”

Nos exemplos da tabela 1, há comentários com uma visão favorável ao ato de violência contra os que são nomeados como bandidos. Eventualmente, se há algum comentário, questionando a violência verbal dos participantes, como resposta há formulações que repetem ou lembram o mote “bandido bom é bandido morto” e desafios ou recados pessoais como “então leva esse bandido pra tua casa”, “você deve ser bandido também” etc. Visões negativas em relação aos atos de violência são silenciadas ou têm links para outros endereços nos quais há maior elaboração do que a simples emissão de uma frase feita. É importante salientar que as páginas abertas aos comentários ficam abertas dinamicamente, o que quer dizer que, mesmo que uma notícia ou vídeo tenham sido postados em outro ano que não seja o de 2013, vão sendo acumulados os comentários de baixo para cima. Isso faz com que eventos ocorridos em outro ano possam ter comentário este ano e estejam abertos a comentários nos próximos anos, se alguém não os tirar do ar. Talvez esta característica traga algo peculiar à discursividade dos participantes na medida em que novos eventos podem ser imediatamente mencionados na timeline de eventos antigos e vice-versa. Melo (2011) mostrou que isso seria um modo de configuração contextual, que não é meramente a configuração de um ambiente no sentido de habilitar/desabilitar certas funções, mas a familiaridade com a qual os participantes utilizam as funções, pressupondo que o outro saberá como usar similarmente.

Há recursos, conforme a configuração contextual, para marcar de imediato os enunciados ligados aos eventos atuais, como a data e hora, além da possibilidade de Curtir o que foi escrito ou Responder. Na figura 1, há o trecho de uma sequência de comentários para o segundo link da tabela anterior, através do qual se tem acesso a uma cena de assalto a uma pizzaria e, na sequência, um dos assaltantes é baleado mortalmente por um policial que passava naquele instante:



Figura 1 – trecho de comentários

Ao analisarmos, inicialmente, a sequência “bandido bom é bandido morto”, vemos que o enunciado coloca em grupos separados aqueles que podem e devem ou não podem e não devem emití-lo, bem como que podem ou não devem emitir outras frases associadas. Alguém que quer explicar a importância dos direitos humanos, por exemplo, está distante de aderir ao enunciado e quem ataca os direitos humanos, em geral, é o que adere ao enunciado. Isso pode ser comprovado facilmente, comparando os dados da primeira tabela com o da tabela adiante. Além disso, o próprio enunciado está associado a outros de uma mesma formação e uma observação rápida nos comentários em redes sociais consegue captar essa característica. Muito frequentemente, o enunciado está ao lado de “o problema desse país são as leis”, “e depois vêm os direitos humanos pra proteger bandido”, “e ainda querem desarmar os cidadãos de bem”, “e os direitos dos mano?”, “direitos humanos para humanos direitos”, “e ainda querem proteger o menor bandido”, “precisamos valorizar mais os policiais”, etc. O posicionamento que adere ao enunciado é a favor da ação policial e, por extensão, há vários elogios e defesas à polícia. Críticas também são direcionadas, evocando certa memória discursiva a ONGs, aos direitos humanos, às leis, ao governo, a setores da política etc.

Há um regozijo e satisfação nas postagens e comentários colocados no site do Youtube, onde aparecem os supostos criminosos sendo alvejados, muitos deles fatalmente, como se pode ver nos links da primeira tabela. Do mesmo modo, isso acontece em reportagens da UOL e em comentários sobre esses vídeos e reportagens compartilhados no Facebook. A peculiaridade do enunciado é que sua recorrência é feita em função de efeitos que se tem na memória de “bandido bom é bandido morto”. Ninguém diz apenas “alguns bandidos devem morrer” nas situações registradas, mas repete o enunciado ou outros semelhantes. Há uma recorrência ao efeito do enunciado associada ao evento em debate.

Pelo efeito produzido, de concisão, determinação e onipotência, como que autorizado soberanamente por uma memória exterior e compartilhada em um grupo, o bandido é definido discursivamente no contexto de produção das mensagens e enquadrado pelos efeitos de produção dos enunciados. Em redes sociais, isso adquire uma dimensão muito ampla, já que a utilização de elementos da interface para escritas, curtidas e compartilhamentos é imediata. A configuração contextual em redes sociais é “já assumida” pelos participantes que respondem ou repetem informações com os recursos que sabem que estão na interface e que proporcionarão que os textos se dispersem cada vez mais, que coleções deles sejam identificadas e, conseqüentemente, que também sejam veiculados os discursos. Ao circularem, os discursos atravessam os locais de cada um, favorável ou contrário o discurso.

Podemos ver que, através das interfaces nas redes, os sujeitos mobilizam seus discursos em função de eventos recentes, articulando também o uso da interface de forma a se inserirem em determinado discurso. Uma memória factual da possível origem do enunciado “bandido bom é bandido morto” (atribuída ao delegado Sivuca, quando da criação da ROTA) pouco importa para o sujeito usuário. O posicionamento francamente e explicitamente favorável à ação policial pode ter origem em elementos da polícia, mas a recorrência com a qual os indivíduos atuam discursivamente percorre um tempo muito longo. Pode-se notar que esse modo de enunciação envolve a concisão da sequência e sua aparente objetividade, mas também um saber sobre práticas de utilização da interface. Coletivamente, as pessoas aumentam a circulação, copiando e postando o enunciado ou curtindo e compartilhando. Pode ser que alguém simplesmente diga “concordo com o que você está dizendo”, mas a eficiência de um “Curtir” e “Compartilhar” é certamente maior, o que pode ser comprovado nas mensagens marcadas do Youtube, da UOL e do Facebook.

Poderíamos também conjecturar que há uma memória relacionada aos modos de configuração e utilização da interface. Tal memória é assumida na coletividade dos usuários

(ninguém explica porque curtiu ou compartilhou). Além disso, esses modos não são unicamente das funções da interface, pois estas estão também diretamente relacionadas com a forma de propagação acentuada ou amenização dos enunciados. Nota-se que, coletivamente, os enunciados circulam e criam efeitos que acompanham o surgimento dos eventos. Junto aos vídeos, reportagens e artigos, pode-se notar a datação de uso da interface, com as discussões mais quentes. Os usuários supõem que os outros usuários sabem sobre seus usos e a coletividade de usuários é assumida como universal, já que, aparentemente, as utilizações da interface em geral não são formas próprias de uso de uma ou outra formação discursiva. Contudo, modos de clicar, “linkar”, postar, configurar etc. são saberes de práticas, mas que também afetam a linguagem. Dizendo de outra forma, esses modos de saber também são modos de dizer. Há uma memória de práticas que afeta diretamente a circulação do discurso e suas condições atuais de produção.

Neste momento, ocorreu-me uma questão: se há uma relação da interface com a maneira de circulação do discurso, será que há também alguma maneira de a interface ajudar (no sentido de reforçar adesões) mais significativamente uma ou outra formação discursiva? Considerando o enunciado “bandido bom é bandido morto”, pode-se observar que discursos oponentes simplesmente não tiveram relevância como contrapartida na forma de uma frase curta no espaço discursivo estudado. Contudo, há um discurso que tira do silêncio os não ditos apagados pela sequência, por exemplo, ressaltando qual é o tipo de bandido a quem se faz referência neste enunciado (nunca se trata de um grande empresário ou de político corrupto, nem mesmo de pessoas responsáveis por grandes tragédias, mas é sobretudo alguém que faz um assalto na rua ou em lojas). Observa-se, então, que este outro discurso assume outras formas “textuais”. Por exemplo, nos blogs e reportagem citados adiante, argumenta-se que ser contra a expressão “bandido bom é bandido morto” não significa ser a favor dos bandidos (simulacro assumido pelos adversários), mas que há necessidade de considerar a situação de cada um, as condições sociais, o fato de não banalizar a morte etc.

Título do vídeo ou blog ou notícia	Endereço
Tese de que 'bandido bom é bandido morto' pode afetar júri do Carandiru, diz promotor	http://www1.folha.uol.com.br/cotidiano/1258145-tese-de-que-bandido-bom-e-bandido-morto-pode-afetar-juri-do-carandiru-diz-promotor.shtml
A ideologia do bandido bom é bandido morto	http://www.cartapotiguar.com.br/2012/03/19/a-ideologia-do-bandido-bom-e-bandido-morto
“Bandido bom é bandido morto”, diz uma sociedade doente”	http://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2012/07/23/bandido-bom-e-bandido-morto-diz-uma-sociedade-doente/
“Para MP, trabalho é convencer jurados de que 'bandido bom' não é 'bandido morto’”	http://noticias.uol.com.br/cotidiano/ultimas-noticias/2013/04/05/e-crucial-convencer-jurados-do-

	carandiru-de-que-bandido-bom-nao-e-bandido-morto-diz-mp.htm
A ideologia do “bandido bom é bandido morto”, o Direito Penal do Inimigo e a Teoria do Etiquetamento	http://www.cartapotiguar.com.br/2013/11/08/a-ideologia-do-bandido-bom-e-bandido-morto-o-direito-penal-do-inimigo-e-a-teoria-do-etiquetamento/
O (D)EFEITO DAS MENTIRAS PRONTAS (a frase feita)...SE BANDIDO BOM FOR BANDIDO MORTO E ENTERRADO NA VERTICAL PARA OCUPAR MENOS ESPAÇO...ENTERREM SEUS FILHOS DA PUTA...VÃO INVENTAR SOCORRO DE CADÁVER NA CASA DO CARALHO!	http://flitparalisante.wordpress.com/2011/08/24/od-efeito-das-mentiras-prontas-a-frase-feita-se-bandido-bom-for-bandido-morto-e-enterrado-na-vertical-para-ocupar-menos-espaco-enterrem-seus-filhos-da-puta-vao-inventar-socorro-de-cadaver-na/
Bandido bom e Bandido Morto.	http://infanciavivainfancia.blogspot.com.br/2013/11/bandido-bom-e-bandido-morto.html

Tabela 2 – discurso que recupera “não ditos ”

Observa-se na primeira linha a referência a uma reportagem que trata do posicionamento de um promotor sobre o julgamento do Carandiru. Nela e nos blogs há uma abordagem ríspida e uma defesa da ação policial em comentários como: “absolvaototal aos heróis do carandiru”, “Ban/dido bom é ban/dido mo/rto, senhor procurador!”, “e desde quando bandido é bom?”. Nos blogs, os comentários não são direcionados ao personagem de uma história, mas ao autor do artigo, como em "CALA A SUA BOCA, SEU IMBECIL DE M!!!!!!!!!!!! Defendendo bandido, só se vc for bandido também! Direitos humanos pra quem é HUMANO, não pra esse lixo de gente! Esses têm que ser mortos e suas carcaças fétidas lançadas nos lixões, pra economizar caixa!!!!!!!!!!BANDIDO BOM É BANDIDO MORTO, SIM”, “Muitos dos que dizem falar em nome da sociedade, o que em nosso país é sinônimo de socialista, nada fazem por ela. Defendem bandidos e a crucificam” e “Eu penso seriamente em ter uma arma, e passei a concordar que bandido bom é bandido morto. Mas talvez você tenha razão em uma coisa: a sociedade brasileira está doente: nossos valores estão invertidos, o feio passou a ser bonito. Educação, gentileza não são valorizados e todos defendem bandidos, as vítimas que se explodam”.

O leitor pode verificar comentários de mesmo teor nos links. Tanto no caso dos eventos simplesmente registrados quanto no de uma reportagem ou artigos que se opõem à tese “bandido bom é bandido morto”, há alta incidência de comentários a seu favor. Em artigos eventualmente favoráveis, isso também ocorre. Porém, como esta pesquisa pretendeu verificar a ligação entre “bandido bom é bandido morto” e os embates discursivos, não se fez uma investigação mais detalhada nos blogs com textos a favor da tese.

Assim, constata-se que o discurso contrário ao enunciado se obriga a explicitar não ditos, mas, como não tem uma frase de suporte, precisa recorrer a outros modos de

elaboração. Mesmo na situação aparentemente simples de ligar personalidades (em uma imagem) a uma dúvida (com a pergunta “bandido bom é bandido morto?”), precisa de um caminho mais longo de exploração da memória. Por exemplo, na pergunta “bandido bom é bandido morto?” associada à imagem de Nelson Mandela, que circulou no final de 2013, há remissão a vários fatos de memória (lutas contra o apartheid, luta armada, prisão de Mandela durante muito tempo, sua volta da prisão reverenciado etc.) que não têm o efeito dos enunciados favoráveis à expressão, especialmente quando estão ao lado de uma reportagem que mostra que alguém foi assassinado ou alvejado ao tentar um assalto. Há outros exemplos desses recursos, ligados a artistas e empresários e a crimes supostamente cometidos no passado, que também requerem o compartilhamento de uma memória específica.

Podemos constatar que os discursos favoráveis ou contrários à expressão “bandido bom é bandido morto” se utilizam de eventos em um tempo curto, na própria atividade de enunciação, e que a formação discursiva de cada um dos discursos fornece traços recuperáveis que lhe são próprios. Porém, no caso específico de “bandido bom é bandido morto”, a batalha discursiva de mobilização desse pequeno enunciado tem uma força e grau de adesão ou compartilhamento bem mais intensos do que quaisquer outras formas oponentes. Isso reflete como o enunciado funciona antes mesmo do uso das redes sociais, mas nas redes comprova-se materialmente como a guerra dos discursos está definida. Se ambos os discursos se utilizam de traços da memória discursiva, um deles recorre muito mais a frases curtas e a suas ligações com eventos atuais. O outro recorre mais a elaborações midiáticas (com vídeos, textos e imagens) e a textos longos, como relatos e artigos para explicitar os não-ditos.

Não é o estado avançado da interface que possibilitará maior ou menor circulação de um discurso. No caso de “bandido bom é bandido morto”, espalhar o enunciado produziu uma maior adesão e usos de Curtir e Compartilhar do que grandes elaborações textuais e usos de mídias diversas. Porém, mídias contrárias ao discurso “Bandido bom é bandido morto”, como a do vídeo Gota D’água e o cartaz que questiona o tipo de bandido tiveram alta circulação e poder de reaproveitamento em outros blogs. Isso ocorre não só pelo fato de reavivar ditos que são silenciados, como também pela forma como foram elaborados. Vejamos na figura 2.



<https://www.youtube.com/watch?v=NndubiXLoaU>

Figura 2 – discurso contrário mais elaborado

Algumas conclusões

Depois de percorrido e interpretado o percurso, é possível tirar seis conclusões, que parecem ser indícios históricos em relação à circulação de enunciados em redes sociais:

1) O enunciado em rede parece funcionar ao mesmo tempo como uma fala (pelo modo de dizer) e como um cartaz (pela maneira de ficar visualmente registrado), mas com uma mobilidade que não há em outros artefatos físicos fora da interface. Isso, na verdade, é característico da computação, pois compartilhar algo neste espaço não é o mesmo que fazê-lo fisicamente, já que duplicamos algo e o enviamos (curtidas, textos e arquivos, ao serem distribuídos, ficam tanto no espaço do destinatário quanto ainda no do emissor), podendo haver reutilizações.

2) A interface da rede social especifica um tipo de “interação para si”: o usuário pode se dirigir a outros, mas o efeito esperado é mais sobre si mesmo – a pessoa é quem mais vê a sua própria postagem, como está sendo comentada, curtida e compartilhada, o que possibilita monitorar como outros estão interagindo com os enunciados. Isso pode indicar que o discurso construído coletivamente na rede é, na verdade, resultado de uma ação mais individualista do que colaborativa. As condições de produção dos enunciados em redes sociais parecem ter um diferencial até mesmo em relação a outros recursos da internet como e-mails e blogs.

3) Discurso e formação discursiva independem dos recursos tecnológicos para sua mobilização, mas sua eficiência reúne o efeito de um enunciado curto (encapsulando várias ideias e silenciando ditos) e o efeito de uso da interface (integrando diferentes modalidades e gerenciando a configuração contextual dos ambientes). Esses efeitos são tanto mais aproveitados quanto forem mais bem articulados com a memória discursiva. Tal condição mostra também que o efeito de “interação para si” independe da formação discursiva, que não

define a eficiência de circulação do enunciado, mas precisa de uma memória bem recente de conhecimento da configuração do ambiente que atue diretamente nos modos de dizer e na circulação.

4) De todo modo, a maneira como o enunciado compactado está articulado ao uso da interface a favor da tese de que bandido bom é bandido morto ou como as mídias foram utilizadas em oposição a esta mesma tese produz efeitos determinantes na memória discursiva. Condições de produção atuais são determinantes para entender o processo de circulação de enunciados e os percursos. Ou seja, tais condições nos colocam em um momento histórico no qual a discursividade em meios virtuais precisa ser mais bem considerada nas pesquisas.

5) O momento atual, no qual as tecnologias fazem parte da nossa maneira de elaborar e desenvolver a linguagem, indicam, sobretudo, que os discursos circulam não apenas por meio de ação de usuários de computador, mas também entre mídias, e de um modo retroalimentado. Alguém pode colocar um vídeo no Youtube, este vídeo fazer sucesso e ser divulgado através da televisão. A reportagem televisiva, por sua vez, pode ser editada e colocada no Youtube e compartilhada no Facebook. Muitos usuários comentando nas redes podem fazer com que outras reportagens sejam feitas. Enfim, as trocas ocorrem de forma bastante intensa e são retroalimentadas por algum tempo, o que indica que talvez comece a ficar difícil diferenciar “discurso da mídia” de discurso dos sujeitos. Há uma diluição dos discurso dos sujeitos para a mídia e vice-versa, independentemente da formação discursiva, mas ao mesmo tempo conforme o interesse de cada um. Esse seria um tópico a se aprofundar em outra investigação.

6) Para concluir, podemos entender que, em certa concepção, aderir ao enunciado “bandido bom é bandido morto” implica aceitar que o fato de bandidos serem mortos é algo positivo para a sociedade. Assim, replicar o enunciado, registrando-o na interface, em situações nas quais os bandidos são mortos ou atingidos, reforça uma formação discursiva, que é retomada em oposição a outro discurso (no intradiscurso e de forma dissimulada no trecho “bandido bom”). Disse anteriormente que “bandido bom” não é uma oposição a bandidos, mas uma referência a um suposto discurso que seria traduzido como defensor dos bandidos. Desse modo, há um encadeamento com estabilidade referencial proporcionado pelo domínio de uma memória. Tal domínio seria de dois tipos: o da atualidade (no caso, de sequências que se apoiam na interface) e o da antecipação (para enunciações posteriores antecipadas pelo discurso). O que Courtine (2009) chamou de domínio da atualidade não só

não pode ser desprezado, como adquire grande relevância, especialmente em um mundo rico em tecnologia no qual a materialidade discursiva é cada vez mais registrada em redes sociais. A retomada de enunciados em momentos diversos e em eventos semelhantes mostra que, além de um espaço discursivo no qual discursos antagônicos estão relacionados com algo dito anteriormente, há a possibilidade de o analista relacionar materialmente marcas discursivas. Nesse ponto, mais do que suscitar outras formas de compreensão do funcionamento da linguagem, talvez os dados registrados na interface impliquem até mais dificuldades, mas também mais recursos materiais para o pesquisador refinar sua análise, algo que, no caso do “percurso”, já era uma possibilidade, segundo Maingueneau (2008). Porém, para que a adoção da unidade percurso seja facilitada com o auxílio de ferramentas, é necessário que todo o arsenal computacional atualizado seja investigado e adaptado para a pesquisa, bem como se requer um bom conhecimento sobre as possibilidades e limites das ferramentas. Isso precisa definitivamente ser mais bem explorado em outras pesquisas, com uma análise mais sofisticada dos possíveis percursos associados aos recursos computacionais disponíveis em determinada época.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRANDÃO, H. H. N. *Introdução à análise do discurso*. Campinas: Unicamp, 2012.
- COURTINE, J.-J. *Análise do Discurso: o discurso comunista endereçado aos cristãos*. Tradução de Bacharéis em Letras pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. São Carlos: EdUFSCar, 2009.
- GARCIA, B. *Bandido bom é bandido... Oi?* Disponível em: <<http://www.revistadehistoria.com.br/secao/artigos/bandido-bom-e-bandido-oi>>. Acesso em: 30 de mar. 2014.
- MAINGUENEAU, D. Unidades tópicas e não-tópicas. In: Possenti, S. & Souza-e-Silva, M. C. P (Orgs.) *Cenas da enunciação*. São Paulo: Parábola, 2008.
- MELO, L. B. Interação humano-computador e seus (des)encontros com o texto e o discurso: buscando o contexto. In: IX Congresso Latino-Americano de Estudos do Discurso, 2011, Belo Horizonte. *Anais do IX Congresso Latino-americano de estudos do discurso ALED 2011*, 2011.
- MELO, L. B. Redes Sociais: onde encontrar material de estudo e colegas com os quais eu possa aprender?. In: 3º. *Simpósio Hipertexto e Tecnologias na educação*, 2010, Recife. Mesa-redonda Impactos das redes sociais na educação, 2010.
- PÊCHEUX, M. *Análise de discurso*. Campinas: Pontes, 2012.
- PÊCHEUX, M. Papel da memória. In: Achard, P. et al. *Papel da memória*. Campinas: Pontes, 1999.
- POSSENTI, S. *Questões para analistas do discurso*. São Paulo: Parábola, 2009.

RUSSEL, D. M. *Google Inside Search*. Disponível em:
<<http://www.powersearchingwithgoogle.com/>>. Acesso em: 30 de mar. 2014.